

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, como reflexo das questões mundiais contemporâneas que levantaram movimentos feministas como o *Me too*, percebeu-se também no cenário acadêmico um maior interesse pela literatura de expressão feminina. Com a pandemia, a literatura escrita por mulheres ganhou espaço para além da academia, pois é notável o número de clubes do livro, páginas nas redes sociais e influenciadores digitais dedicados à leitura e à discussão tanto de obras de autoras de clássicos da literatura universal como de autoras contemporâneas brasileiras ou estrangeiras. A começar pelo trabalho fundamental de Mary Wollstonecraft, com seu revolucionário *A Vindication of the Rights of Woman*, de 1792, que influenciou todo o pensamento do século XIX, além do pioneirismo de Jane Austen, que, dentre tantas outras questões, colocou em xeque a condição da mulher naquela sociedade que adentrava o capitalismo agrário, tendo como única possibilidade de sobrevivência a dependência de um casamento bem sucedido, passando por outras grandes escritoras como as irmãs Brontë, Mary Shelley, George Eliot, Elizabeth Gaskell, Emily Dickinson, Louisa May Alcott, o século XIX consolida-se como momento inaugural e potente no que se refere à literatura de autoria feminina.

O presente dossiê tem como objetivo propor uma reflexão sobre as bases da literatura de expressão feminina a partir do século XIX e sobre a sua importância na história da literatura, ecoando enfim em discussões contemporâneas que envolvem um debate interseccional de gênero, raça e classe.

Deste modo, esta edição inicia-se justamente problematizando a equivocada recepção da obra de Jane Austen, que, por cerca de um século, fora categorizada como literatura “menor”, sob um olhar patriarcal incapaz de perceber a denúncia inaugural que Jane Austen nos traz acerca da condição da mulher na sociedade do início do século XIX, literalmente tomada como propriedade de seu pai ou marido, tolhida, portanto, de sua liberdade enquanto indivíduo e ser social. Ressalta-se que o reconhecimento do legado de Jane Austen deveu-se muito ao olhar perspicaz de Virginia Woolf mais de um século depois. Virginia, diferentemente de Jane, teve sua obra reconhecida ainda em vida. Não obstante, por meio de seus ensaios críticos como *Um teto todo seu* (1929), Woolf fez questão de demonstrar de que forma seu caminho na literatura fora influenciado por outras grandes escritoras, conferindo enfim à obra literária de Austen seu devido reconhecimento.

Ainda acerca de Woolf, o segundo artigo apresentado neste dossiê traz novo fôlego à leitura de uma das obras mais controversas de Woolf, *To the Lighthouse* (1927), na medida em que propõe uma análise que procura demonstrar de que modo pode-se verificar a influência de *Frankenstein* (1818) por meio da problematização

dos papéis sociais femininos que compõem as estruturas narrativas. É importante mencionar que, considerada como uma obra prima da literatura universal, *Frankenstein* foi, por sua vez, escrito por uma mulher, Mary Shelley, filha de outra importante escritora, Mary Wollstonecraft, cuja produção literária é até hoje pouquíssimo estudada.

Outra grande escritora inglesa teve sua obra como objeto de estudo do terceiro artigo a ser apresentado: Elizabeth Gaskell. Em meados do século XIX, em plena Época Vitoriana permeada por crinolinas e espartilhos apertados, Gaskell, autora de um dos romances mais polêmicos de sua época, *Ruth* (1853), conseguiu conciliar sua vida doméstica com a profissão de escritora, desafiando a sociedade ao decidir abandonar o pseudônimo num universo em que mulheres não eram bem-vistas enquanto escritoras, colocando em risco sua reputação e a de sua família. Neste artigo, temos justamente a problematização da figura da mulher naquela rígida sociedade patriarcal à luz de Margaret Hale, protagonista de *North and South* (1854), que narra uma saga familiar à medida que denuncia a exploração da classe trabalhadora pelas classes dominantes no auge do processo de industrialização na Inglaterra.

No contexto norte-americano, Kate Chopin revoluciona a cena literária com suas protagonistas que buscam a Liberdade para além do espaço confinado das casas patriarcais. Nesta edição, há a contribuição de quatro textos sobre a escritora. O primeiro compara “A história de uma hora” e “Amor”, de Clarice Lispector, investigando como a voz que narra as personagens funciona como uma voz autoritária que controla a narrativa das personagens, o que imita o controle da sociedade patriarcal sobre as mulheres. O segundo texto dedicado à autora em questão analisa duas narrativas: *A história de uma hora* e *Emancipação: Uma fábula da vida*, ambos sobre o anseio da mulher por liberdade. O último aproxima o humano do não humano, para demonstrar a irracionalidade de uma sociedade que priva a mulher da liberdade e da expressão. Já o terceiro texto apresenta uma análise comparativa de *The Story of an Hour*, *The Awakening*, de Kate Chopin, e *The Yellow Wallpaper*, de Charlotte Perkins Gilman, observando como as personagens alcançam a liberdade/liberação por meio da loucura e da morte como uma forma de recusa dos paradigmas restritos que regulavam a vida das mulheres. O último texto analisa de que modo a personagem Edna Pontellier subverte a ordem patriarcal. Por meio de uma teoria decolonial, a autora discute as questões de gênero dentro do cenário político e cultural do romance *The Awakening*.

Na literatura brasileira, vislumbramos três contribuições de peso, que tratam de escritoras esquecidas ou pouco lidas em sua contemporaneidade e que são resgatadas pelos estudos literários de autoria feminina no século XXI. Uma delas é a autora ignorada pela crítica Júlia Maria da Costa, que aborda em sua obra, de forma revolucionária, diálogos com a opressão da sociedade patriarcal; Andradina de Oliveira, escritora gaúcha que questiona a estrutura familiar tradicional em

um momento de transformações na sociedade e nos costumes, e Júlia Lopes de Almeida, que, com uma obra que coteja elementos do fantástico, desvela a presença do medo.

Integrando a seção varia, mas ainda dentro do eixo temático proposto, temos o interessantíssimo artigo que versa sobre a construção das personagens femininas em uma obra da autora argelina Assia Djebar sob uma perspectiva pós-colonial.

Por fim, encerrando o dossiê, apresentamos uma entrevista com duas pesquisadoras responsáveis pela direção dos museus *Chawton House* e *Elizabeth Gaskell House*, ambos situados no Reino Unido. Nesta entrevista exclusiva, as doutoras Kim Simpson e Daiane Duffy dividem suas perspectivas acerca do aumento considerável de pessoas interessadas nas obras de escritoras dos séculos 18 e 19 a partir do contexto recente de pandemia da covid-19.

Andressa Cristina de Oliveira
Maria Aparecida de Oliveira
Natália Corrêa Porto Barcellos